



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**  
**FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**AGMAR MONTEIRO COSTA MELO**

**JOVENS DO VALE DA ESPERANÇA, MUNICÍPIO DE FORMOSA-GO**  
**E A MIGRAÇÃO CAMPO CIDADE**

**Planaltina – DF**

**2014**

**AGMAR MONTEIRO COSTA MELO**

**JOVENS DO VALE DA ESPERANÇA, MUNICÍPIO DE FORMOSA-GO  
E A MIGRAÇÃO CAMPO CIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção ao título de licenciado em Educação do Campo com habilitação na área de Linguagens.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Osanette de Medeiros

**Planaltina – DF**

**2014**

**AGMAR MONTEIRO COSTA MELO**

**JOVENS DO VALE DA ESPERANÇA, MUNICÍPIO DE FORMOSA-GO  
E A MIGRAÇÃO CAMPO CIDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para a  
obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo – LEdoC pela  
Universidade de Brasília.

**Aprovado em 1º de julho de 2014.**

---

**Orientadora: Profª Drª Maria Osanette de Medeiros**  
**Universidade de Brasília**

---

**Avaliadora: Profª Drª Eliete Ávila Wolff**  
**Universidade de Brasília**

---

**Avaliador Prof. Dr. João Batista Pereira de Queiroz**  
**Universidade de Brasília**

**Planaltina-DF**

**2014**

É preciso criar pessoas que se atrevam a sair das trilhas aprendidas, com coragem de explorar novos caminhos. Pois a ciência construiu-se pela ousadia dos que sonham e o conhecimento em busca da terra sonhada.

Rubem Alves

Dedico a Deus pela sua infinita misericórdia sobre minha vida. Aos meus pais por sempre me apoiarem, em especial a minha saudosa mãe, que sempre me incentivou a estudar e se alegrava comigo, a cada conquista. Aos meus filhos Débora e Kalebe razão maior da minha luta e ao meu companheiro Oséias pela compreensão e apoio dispensados a mim

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela vida, aos bons e maus momentos, pois creio que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que o amam.

Estendo os meus agradecimentos...

A professora Maria Osanette de Medeiros por ter aceitado ser minha orientadora, a sua contribuição foi fundamental. Meu abraço.

À professora Laís Mourão de Sá, pelas excelentes contribuições no início da pesquisa.

A professora Eliete Ávila Wolff orientadora da turma; Andréia Pereira dos Santos, da LEdoC 2 por sua bela e incansável dedicação a nós.

Aos demais professores e colaboradores da Licenciatura em Educação do Campo que contribuíram para minha formação no decorrer destes quatro anos.

A professora Santana o meu abraço e agradecimento por suas contribuições no tempo comunidade.

As minhas colegas da Escola 15 de Julho e do Colégio Estadual Vale da Esperança que diretamente ou não ajudaram nessa minha trajetória.

Aos meus colegas de turma pelos momentos únicos que vivemos, vivência que ficará guardada para sempre em minha memória. Aprendi muito com vocês. As excelentes contribuições recebidas de vocês Pedro Henrique, Simone Couto e André Bispo, para o meu aprendizado.

A minha família, em especial aos meus amados filhos, Débora Maria e Kalebe, motivo maior por hoje ter chegado até aqui, tudo por eles.

Ao meu esposo, companheiro e amigo Oséias, que muito contribuiu com o meu processo de formação, me ajudando em muitas leituras, sempre acreditando e fazendo com que eu não viesse a desistir e o cuidando especial que sempre teve com nossos filhos em minha ausência.

Ao meu querido e amado pai, pelo apoio recebido durante toda minha trajetória de estudos.

As minhas amadas irmãs; Raquel e Ruth; amigas em todos os momentos.

Aos meus amados irmãos; Adalberto, Daniel, Lucas e Roberto, pelos incentivos recebidos.

A comunidade do Vale da Esperança por sua contribuição nesses anos, sempre que precisei fui muito bem recebida, em especial aos jovens que contribuíram para a realização deste trabalho.

E por fim a companheira Nilda Passeri dos Santos, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Formosa, por me incentivar a inscrever-me no vestibular da LEdoC, meus mais sinceros agradecimentos.

## RESUMO

Este trabalho buscou estudar aspectos da realidade dos jovens do Assentamento Vale da Esperança e identificar os reais motivos que os levam a sair do campo. Para a investigação foi utilizada a pesquisa qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados o questionário para adquirir as informações necessárias à pesquisa, conforme os objetivos estabelecidos e a entrevista para complementação dos dados. Para o referencial teórico foi feita uma discussão acerca da educação do campo, escola do campo, educação profissional e juventude do campo. O estudo mostrou que uma das principais causas da saída do jovem do campo para a cidade é a busca de melhores oportunidades profissionais, como cursos para qualificação para o mercado de trabalho, obtenção de uma melhor remuneração para poder suprir suas necessidades pessoais de alimentação, higiene, transporte, estudo, lazer, entre outras.

**Palavras chave:** Jovem. Educação do Campo. Escola do Campo.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. EDUCAÇÃO DO CAMPO E ESCOLA DO CAMPO.....</b>	<b>13</b>
2.1. Escola do Campo.....	15
2.2. Licenciatura em Educação do Campo.....	17
<b>3. JUVENTUDE DO CAMPO.....</b>	<b>21</b>
3.1. Assentamento Vale da Esperança.....	23
3.2. Sujeitos da pesquisa.....	25
3.3. Instrumento utilizado na pesquisa.....	26
3.4. Análise e interpretação dos dados .....	27
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>33</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>34</b>



## INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de quatro anos de trajetória na Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), de trabalhos realizados no Tempo Escola (TE) e no Tempo Comunidade (TC), e também da minha vivência no Assentamento Vale da Esperança, pertencente ao município de Formosa-GO, que culminou com uma pesquisa realizada ao longo do curso, no referido assentamento, onde moro desde outubro de 1998, quando chegamos em busca de uma vida melhor. Sou casada, mãe de dois filhos e dedico-me à família e às atividades para o nosso sustento, juntamente com meu marido. Meu envolvimento com a educação do campo começou com o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), quando surge a oportunidade de conhecer o Programa, onde obtive a primeira experiência docente. No ensino médio fiz o curso técnico em contabilidade, pois, almejava os números na continuidade da formação acadêmica, no entanto a vida reservou outra porta, o gosto por aulas e pelas linguagens, o que ainda hoje é o grande desafio, encantou-me os olhos e a vida. Inscrevi-me no vestibular da LEdoC-UNB por intermédio de Nilda Passeri dos Santos, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Formosa (STR), ressaltando que se não fosse pelo incentivo da dirigente, não estaria finalizando esse curso, mesmo porque na época não foi muito divulgado. Acredito que tudo acontece a seu tempo. Na primeira tentativa de nos inscrevermos, eu e outras pessoas do assentamento, para a primeira turma da LEdoC, a ser realizada no Rio Grande do Sul, no Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA), situado na cidade de Veranópolis, porém sem sucesso. Então tivemos a feliz oportunidade de ingressar na segunda turma da LEdoC, no segundo semestre de 2008, na UNB/FUP dando, assim, início ao curso superior, o que antes a meu ver, não seria possível. Prestei vestibular e fui classificada e com muita luta estou aqui hoje concluindo meu curso, com a realização de inúmeros trabalhos entre Tempo Comunidade (TC) e Tempo escola (TE). A articulação entre esses dois tempos, foi fundamental para a compreensão da realidade da comunidade e da escola, além de compreender a dinâmica do campo na

perspectiva de um projeto de desenvolvimento que contemple o desenvolvimento da agricultura camponesa em oposição ao agronegócio.

O tempo de intervalo entre um vestibular e outro foi suficiente mesmo sem saber se teria outra oportunidade, para que eu me organizasse em relação aos meus filhos, para que não sentissem tanto a minha ausência, ficando aos cuidados de minha mãe, o que me permitiu ficar dias longe de casa durante esses longos cinco anos na LEdoC (o curso teve a duração de quatro anos, mas acabei prorrogando minhas atividades por mais um ano, devido a questões familiares). Esse foi um espaço de aprendizado, onde aprendi a trabalhar a coletividade, o trabalho como princípio educativo, a respeitar as diferenças, sair das gavetas onde tudo é separado e trabalhar a interdisciplinaridade, enfim, quebrar paradigmas... A LEdoC forma o homem e a mulher para a vida e essa é a educação que queremos para os educandos do campo.

A pesquisa teve como objetivo geral estudar aspectos da realidade dos jovens da comunidade Vale a Esperança e identificar os reais motivos que os levam a sair do campo. A pesquisa foi feita junto aos jovens que estão cursando o ensino médio, os que já concluíram e os que deixaram os estudos. Com os objetivos específicos a pesquisa buscou mostrar o perfil da formação dos jovens na comunidade; Identificar a opinião e a percepção dos jovens sobre a escola e a comunidade, ao final, propor ações que possibilitem o enfrentamento da tendência ao abandono e expulsão dos jovens do campo.

Estudar a realidade dos jovens e identificar os reais motivos que os levam a sair do campo foi um dos principais fatores que me moveu a pesquisar este tema. Um dos aspectos que me chama a atenção é o porquê do fascínio pela vida urbana. O que os atrai? Hoje o campo começa a ganhar mais estrutura, com acesso à educação e tecnologia, mas isso não é suficiente para satisfazer as expectativas dos jovens. A estrutura atual ainda não possibilita ao jovem vislumbrar uma vida com mais recursos que os façam ficar no campo, dificultando, dessa forma, a realização de seus projetos de vida. No que diz respeito à formação, por exemplo, podemos citar a necessidade de técnicos, professores, médicos, veterinários, engenheiros, advogados, enfim, tantos profissionais que o campo necessita e a qualificação profissional desses jovens

pode contribuir para sua permanência no campo, uma vez que irá atender as necessidades desses povos. Com a crescente implantação e implementação de políticas públicas no campo, a tendência é que cresçam as possibilidades de desenvolvimento das comunidades e que os jovens possam ter opções para seus projetos de vida.

Como encarar os desafios de viver no campo, especialmente o jovem, com seus sonhos, projetos e a busca por uma vida melhor? Claro que com suas especificidades e o ambiente no campo este se torna mais propício à vida humana. Este foi um ponto importante trabalhado na pesquisa, com uma pergunta que ajudou a traçar o perfil do jovem do assentamento Vale da Esperança: existe uma relação entre o que esses jovens pensam para sua vida e a educação que vivem na escola?

Esse aspecto me despertou para uma conversa inicial com os jovens. Embora pertencendo a mesma comunidade, pouco os conhecia e além do mais não havia parado para pensar nessas questões antes, limitando-me às informações que ocorriam nas conversas com as famílias, quando nos reuníamos por algum motivo do assentamento.

Na conversa que tive com os jovens antes da entrega dos questionários eles reclamaram da falta de espaço para participarem das associações, que até então eram três. A falta de políticas públicas para melhora do assentamento, o descaso do poder público com conservação das estradas, falta de médicos no posto de saúde, que foi construído, mas não inaugurado, até aquele momento. Queixaram-se das poucas possibilidades de projetos voltado para eles. Essas questões fizeram parte do problema que me levou à investigação.

Alguns dos pesquisados são filhos dos assentados que participaram da luta pela terra e outros são filhos de assentados que não viveram esse tempo. Alguns jovens ajudam seus pais nos trabalhos no campo.

Como justificativa para desenvolver o tema aqui em estudo, buscamos saber se de fato os motivos que fazem os jovens saírem do campo são os mesmos já conhecidos, como a influencia da mídia, a falta de trabalho

remunerado para subsistência, a precariedade de transporte, a falta de incentivo para que eles possam participar das associações, a dificuldade que é trabalhar na roça e estudar, a falta de lazer, a falta de projetos voltados para eles como cursos de informática e outros cursos que ajudarão a facilitar o modo de trabalho no campo, trazendo mais benefícios para eles e suas famílias, ou se na comunidade Vale da Esperança a saída dos jovens é marcada por outros motivos.

Por isso o interesse em desenvolver esta pesquisa, vai além de cumprir uma exigência acadêmica. O estudo justifica-se pela importância que o tema apresenta, não só para a comunidade Vale da Esperança, mas para o campo como um todo, uma vez que esta é uma realidade vivida pelos jovens do campo brasileiro. A migração do campo para a cidade é uma realidade que afeta diretamente a juventude dessa comunidade.

Esta monografia está organizada em introdução, onde coloco as questões da pesquisa, o que motivou o estudo e seus objetivos, apresentando também a metodologia. A seguir, apresento o referencial teórico, com abordagem sobre Educação do Campo, Licenciatura em Educação do Campo e Juventude.

Para tratar das questões da pesquisa, no terceiro item uma breve apresentação do perfil dos jovens que participaram da investigação. Ainda nesse item apresento a descrição e interpretações dos dados, com base nos autores escolhidos para este trabalho. Para concluir, apresento as considerações finais, trazendo algumas reflexões que o estudo possibilitou.

## 1. EDUCAÇÃO DO CAMPO E ESCOLA DO CAMPO

A Educação do Campo vem sendo discutida há muitos anos pelos movimentos sociais, universidades e outras instituições, especialmente, a partir do final da década de 1980, para que o modo de educação fosse mudado, para quebra de paradigmas e passar a produzir condições de vida digna porque isso é um direito, deixar de reproduzir a educação rural que era ou é a extensão dos programas exercidos na cidade. A educação do campo não pode ser moldada, não podemos fazer uma forma e dizer: “isso é educação do campo” tem que ser conforme a realidade do povo do campo. O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), foi o primeiro programa voltado para o povo do campo.

Educação do campo: direito nosso, dever do Estado, expressou o entendimento comum possível naquele momento: a luta pelo acesso dos trabalhadores do campo à educação é específica, necessária e justa, deve se dar no âmbito do espaço público, e o Estado deve ser pressionado para formular políticas que garantam massivamente, levando à universalização real e não apenas princípios abstratos. (CALDART, 2012 p. 260)

Nesse sentido, a educação do campo fundamenta-se nas práticas sociais dessas populações e passa a constituir as práticas educativas desenvolvidas junto aos povos do campo, considerando as práticas sociais dessas populações, seus saberes, valores, cultura, modos de vida, fatores essenciais no processo de construção de uma educação e uma escola que atendam às reais necessidades daquelas e daqueles que vivem no e do campo.

A Educação do Campo está ancorada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96 – que no art.28 trata parcela da sociedade com certa diferenciação referente à oferta da Educação Básica.

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;

- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural.

O campo é a zona fora do perímetro urbano, onde predominam atividades agrícolas, onde homens e mulheres, de diversas regiões, unidos por um mesmo sonho lutaram e deram início ao Assentamento Vale da Esperança. São pessoas que vivem do braçal e que lutaram e ainda lutam por melhores condições de vida e por educação. Muitos sonham com uma escola e qualidade para seus filhos a fim de que possam viver no campo, ao invés de migrar para a cidade. Nesse sentido, a LDB vem contribuir para que parte desse sonho seja concretizado, quando propõe conteúdos curriculares e metodologias apropriadas à realidade do campo, organização escolar própria e calendário escolar de acordo com as fases do ciclo agrícola e às condições climáticas.

As lutas do campo, por meio das organizações sociais do campo, chegam às Conferências Nacionais para discutirem as propostas e buscar soluções. Na II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo (II CNEC), os participantes apresentaram-se dizendo quem eram e a que vieram:

somos representantes de Movimentos Sociais, Movimento Sindical e Organizações Sociais de Trabalhadores e Trabalhadoras do Campo e da Educação; das Universidades, ONG's e de Centros Familiares de Formação por Alternância; de secretarias estaduais e municipais de educação e de outros órgãos de gestão pública com atuação vinculada à educação e ao campo; somos trabalhadores e trabalhadoras do campo, educadoras e educadores, educandas e educandos: de comunidades camponesas, ribeirinhas, pesqueiras e extrativistas, de assalariados, quilombolas, povos indígenas... (II CNEC, 2004, p. 1).

O documento continua falando da histórica caminhada dos camponeses, que se enraíza nos anos 1960, “quando movimentos sociais, sindicais e algumas pastorais passaram a desempenhar papel determinante na formação política de lideranças do campo e na luta pela reivindicação de direitos no acesso a terra, água, crédito diferenciado, saúde, educação, moradia, entre outras” (II CNEC, 2004, p. 1).

Aqui destaco duas questões importantes para este estudo: a luta por educação e por escola no Assentamento Vale da Esperança e a oportunidade que tive de fazer um curso superior em uma universidade pública. Com todas as dificuldades enfrentadas, a juventude do assentamento dispõe de uma escola que ainda não chega a ser aquilo que chamamos Escola do Campo, mas é fruto dessa luta que não desvincula terra de educação e de escola. Foi por causa das grandes lutas dos movimentos sociais, que pude concretizar o sonho de ingressar numa universidade. Sonhei muito com isso e o sonho aumentou com o início do PRONERA e, se estou aqui hoje (1º de julho de 2014) concluindo um curso superior é graças a essas lutas.

Não é por acaso que são os mesmos trabalhadores que estão lutando por terra, trabalho e território os que organizam esta luta por educação. Também não é por acaso que se entram no debate sobre política pública. A realidade que produz a educação do campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas que garantam aos trabalhadores do campo o direito a educação, especialmente à educação, especialmente à escola, e a uma educação que seja no e do campo, os movimentos sociais interrogam a sociedade brasileira: por que em nossa formação social os camponeses não precisam ter acesso à escola (CALDART, 2012 p.259).

## **2.1. Escola do Campo**

Iniciamos essa reflexão falando de uma escola que atenda aos interesses da população do campo. A luta por escola não está desvinculada da luta pela terra. Muitas experiências educativas a partir da realidade do campo vêm se construindo ao longo dessa trajetória de luta por terra, educação e escola.

Sendo a educação escolar uma das formas usadas pelo modelo hegemônico para impor suas intencionalidades de controle, ao mesmo tempo é um espaço de possibilidades para que os movimentos sociais possam atuar, visando à transformação social. As escolas do campo sempre foram vistas como escola da roça que quando muito tinham duas salas uma para aulas e outra para cantina. São as salas de aula multisseriadas do 1ª a 4ª série, com

uma professora, com formação no ensino fundamental, ou uma escola sendo extensão da cidade onde se ofereciam as séries iniciais da 1ª a 4ª séries com duas professoras com formação mínima (SANTOS, 2013 p. 28). Nesse caso, a história do nosso assentamento não foi diferente do que apresenta Santos. Sem dúvida isso continua a se repetir em vários locais de difícil acesso do nosso país.

A educação oferecida no meio rural sempre esteve fora do que necessitam os povos do campo mostrando somente o que a cidade tem a oferecer, nunca o que poderia desfrutar do/no campo.

Outro motivo que desmotivava os jovens a estudar era à distância, que em muitos casos era percorrida a pé, a cavalo, carroça. Hoje o transporte escolar faz este percurso, mas a melhora é pouca, porque sempre apresenta um problema; quebra, ficando 2,3 dias, até uma semana ficam quebrados, impossibilitando que a escola funcione normalmente. E os governantes continuam afirmando que está muito boa à educação por que antes não tinha transporte e hoje “tem”.

No Vale da Esperança já mudou bastante, temos professores qualificados que hoje procuram trabalhar conforme a realidade do lugar, ajudando na mudança da escola e no desenvolvimento do aluno, deixando para trás a escolinha rural para uma educação do /no campo.

A escola muitas vezes trabalham conteúdos fragmentados, ideias soltas, sem relação entre si e muito menos com a vida concreta; são muitos estudos e atividades sem sentido, fora de uma totalidade, que deveria ser exatamente a de um projeto de formação humana. É tarefa específica da escola ajudar a construir um ideário que orienta a vida das pessoas e inclui também as ferramentas culturais de uma leitura mais precisa da realidade que vivem. E ajudando a construir uma visão de mundo significa em primeiro lugar fazer o inventário das concepções que educandos e educadores carregam em si; significa também enraizar as pessoas na história, para que se compreendam como parte de um processo histórico (CALDART, 2004.p. 40/41).

Apesar das mudanças ocorridas no campo, ainda tem muito a melhorar. Na escola as mudanças já começaram, agora cabe à comunidade acompanhar todo processo e estudar todos os casos em que a envolvem para a melhoria ser completa.



No plano da práxis pedagógica, a Educação do Campo projeta futuro quando recupera o vínculo essencial entre formação humana e produção material da existência, quando concebe a intencionalidade educativa na direção de novos padrões de relações sociais, pelos vínculos com novas formas de produção, com o trabalho associado livre, com outros valores e compromissos políticos, com lutas sociais que enfrentam as contradições envolvidas nesses processos. (CALDART, 2012, p. 267).

O colégio do Vale da Esperança está se adequando de todas as formas para que o ensino realmente seja voltado para a realidade do homem do campo, incluindo trabalho como princípio educativo, investindo em oficinas para formação dos educadores que aos poucos vão se preparando para as desejadas mudanças.

A educação do campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos sem terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade. (CALDART, 2008 p.71)

O sistema capitalista atribui à escola a função social de preparadora de recursos humanos para os vários postos de trabalho existentes na sociedade, traduzindo as desigualdades econômicas em desigualdades educacionais, se não houver resistência (FREITAS, 1995, p. 96). Com esta afirmativa Freitas quer dizer que esta função social da escola é incorporada aos seus objetivos e passa a fazer parte da própria organização do trabalho pedagógico, por meio dos conteúdos, métodos e avaliação.

## **2.2. Licenciatura em Educação Do Campo**

Quero fazer aqui uma referência à Licenciatura em Educação do Campo da UnB (LEdoC), para relacionar alguns pontos importantes relacionados ao tema da pesquisa realizada, e estão relacionados às práticas escolar e pedagógicas do Colégio Estadual Vale da Esperança. Isto porque há professores egressos da Licenciatura em Educação do Campo e que ali fizeram sua inserção orientada. A partir dessa inserção e junto com o estágio

curricular, esses professores passaram a adotar as práticas pedagógicas desenvolvidas na LEdoC.

Licenciatura em Educação do Campo é uma nova modalidade de graduação nas universidades públicas brasileiras. Esta licenciatura tem como objetivo formar e habilitar profissionais para atuação nos anos finais do ensino fundamental e médio, tendo como objeto de estudo e de práticas as escolas de educação básica do campo (SÁ; MOLINA; 2012,p. 466).

Sendo assim, é necessário falar dos princípios formativos da LEdoC e suas práticas para que possamos melhor situar o tema de estudo. Um dos princípios básicos da Licenciatura é a intencionalidade pedagógica que consiste em pensar a formação visando à transformação social do campo e dos sujeitos que vivem nesse espaço. A metodologia do Curso toma por base a realidade vivida pelo estudante. A formação por área do conhecimento é uma das propostas da educação do campo. Essa formação por área já funciona no curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) na Universidade de Brasília, (UNB) Faculdade de Planaltina-DF (FUP). Esse tipo de formação está organizado entre as áreas de Linguagens que inclui Letramento e conhecimentos de Linguística, Espanhol, Literatura, Artes Plásticas, Teatro e Música, e a área de Ciências da Natureza e Matemática. Nossas turmas são organizadas em setores de trabalho e GO- grupo organicidade, onde são divididas as tarefas no tempo escola.

Nossos conteúdos são multidisciplinares por envolver várias disciplinas para que possamos trabalhar em várias áreas do conhecimento. Os trabalhos são desenvolvidos em Tempo Comunidade (TC) onde damos continuidade aos trabalhos iniciados no TE e Tempo Escola (TE) que é o tempo que ficamos na Universidade e são os tempos que damos continuidades as atividades propostas tanto no TC como no TE.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da LEdoC trás em sua concepção e seus princípios norteadores a intenção de.

Preparar educadores para uma atuação profissional que vai além da docência, dando conta da gestão dos processos educativos que acontecem na escola e no seu entorno. Simultaneamente, o curso pretende contribuir para a construção coletiva de um projeto de formação de educadores que sirva como referência prática para políticas e pedagogias de Educação do Campo. (PPP, 2009, p. 3).

Esses princípios são:

- Organização dos componentes curriculares por áreas de conhecimento e trabalho pedagógico interdisciplinar, de modo que os estudantes-educadores possam vivenciar na prática de sua formação a lógica do método para o qual estão sendo preparados.
- Relação não hierárquica e transdisciplinar entre diferentes tipos e modos de produção de conhecimento.
- Ênfase na pesquisa, como processo desenvolvido ao longo do curso e integrador de outros componentes curriculares.
- Processos, metodologias e postura docente que permitam a necessária dialética entre educação e experiência, garantindo um equilíbrio entre rigor intelectual e valorização dos conhecimentos já produzidos pelos estudantes em suas práticas educativas e em suas vivências sócio - culturais.
- Humanização da docência, superando a dicotomia entre formação do educador e formação do docente.
- Visão de totalidade da Educação Básica.
- Abordagem da escola nas suas relações internas e com o contexto onde ela se insere (PPP, 2009, p. 19).

Por isso, uma base importante do PPP é a organização do conhecimento a partir do contexto do educando, das lutas por políticas públicas de educação e escola no campo e do campo. Neste sentido, o Colégio Vale da Esperança busca contemplar em seu PPP e no Currículo a realidade da comunidade, para atender de forma adequada as crianças e os jovens que ali estudam.

Sendo assim, podemos pensar que a formação de professores pelos movimentos sociais do campo em parceria com as universidades apresenta outro jeito de fazer formação, porque considera as lutas e as experiências trazidas pelos estudantes durante sua atuação nos movimentos e nas comunidades. A experiência da LEdoC é pioneira porque ao longo desses quatro anos tivemos oportunidades de vivenciar momentos que mostraram como se dá a luta por educação articulada ao movimento da educação do campo. Esses momentos aconteceram nas atividades do Tempo Comunidade, na Inserção Orientada na Escola (IOE), que foram momentos muito ricos para

observar e ver as práticas pedagógicas e educativas dentro de uma determinada realidade.

O PPP da LEdoC (2009, p. 3) afirma que “O curso tem a intenção de preparar educadores para uma atuação profissional que vai além da docência, dando conta da gestão dos processos educativos que acontecem na escola e no seu entorno.

A matriz curricular desenvolve uma estratégia multidisciplinar de trabalho docente, organizando os componentes curriculares em quatro áreas do conhecimento: Linguagens (expressão oral e escrita em Língua Portuguesa, Artes, Literatura); Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática; Ciências Agrárias (PPP, 2009, p. 3).

Esses elementos do PPP indicam que a LEdoC, quer formar o sujeito capaz de refletir e intervir nos problemas que envolvem a escola e a comunidade, bem como aos problemas sociais, políticos e econômicos presentes no dia a dia não só dos que vivem no campo, mas em toda a vida da classe trabalhadora.

Ao organizar metodologicamente o currículo por alternância entre Tempo/Espaço Escola-Curso e Tempo/Espaço Comunidade-Escola do Campo, a proposta curricular do Curso integra a atuação dos sujeitos educandos na construção do conhecimento necessário à sua formação de educadores, não apenas nos espaços formativos escolares, como também nos tempos de vida culturais e psíquicos das comunidades onde se encontram as escolas do campo (PPP, 2009, p. 13).

Com essa organização curricular as relações entre os conhecimentos e as experiências de vida dos educandos ganham nova forma porque junta teoria e prática, conhecimento da comunidade e conhecimento acadêmico oferecendo ao estudante oportunidade para melhor conhecer e interpretar a sua realidade e, assim, poder transformá-la.

### 3. JUVENTUDE DO CAMPO

Apresento aqui uma reflexão sobre a educação que está sendo oferecida aos jovens do Assentamento Vale da Esperança, ao mesmo tempo em que trago um problema que está presente na vida desses jovens, que é a relação campo e cidade. Ao pesquisar esse tema pude perceber por meio dos dados coletados que há um movimento da juventude entre o campo e a cidade em busca do acesso à renda monetária para obter os bens de consumo e melhorando as condições de vida. Com a juventude do Assentamento Vale da Esperança não é muito diferente. A influência da cidade é muito forte aqui no assentamento, os jovens tentam de todas as formas se incluírem aos modelos urbanos como; o uso de penteados vários modelos dependendo do momento, o piercing's, e as tatuagens. Muitos querem ir simplesmente pela influência da mídia ou dos colegas que já estão na cidade, mesmo sem preparo algum preferem aventurar do que permanecer no campo.

O único projeto existente na comunidade é o de Formação Agro ecológica e Cidadã, oferecida pela Secretaria Nacional da juventude (SNJ) e Universidade de Brasília (UNB). Alguns jovens participaram e estão organizando um plantio denominado Sistema Agro florestal (SAF) e o extrativismo com baru, jatobá e pequi, em parceria com o Instituto Federal (IFB) – campus de Planaltina. Muitos já desistiram, enquanto estavam nas aulas teóricas o interesse era um, quando passou para a prática mudou, foi onde começaram as desistências. Assim, parece ficar claro que os jovens não querem serviços braçais.

As famílias dos jovens da comunidade do Vale da Esperança vieram de regiões diferentes, muitos deles sempre viveram no campo, outros migraram de várias cidades. Como Castro retrata, “o debate sobre juventude, principalmente a partir das décadas de 1980 e 1990, trouxe o olhar da diversidade” (CASTRO, 2012 p. 438). Há jovens que pretendem continuar vivendo no campo, dando seguimento as formas de produção da família outros permanecem devido à dependência familiar, a pesquisa foi para identificar o que leva os jovens a terem essa vontade incontrolável de ir do campo para cidade.

O fato de a juventude sair do campo para viver nas periferias das cidades, não é só um problema local, porém, fica claro quando Castro relata que o termo “os jovens estão indo embora” tornou-se uma imagem do jovem do campo brasileiro (p. 439). Neste sentido, podemos observar que, o que leva essa juventude a sair do campo não é um fator isolado, mas um problema universal. Existe um desinteresse pelo campo, ainda assim, podemos observar que no meio dos próprios jovens do campo há uma visão que o campo é atrasado, que é preciso buscar meios de “melhorar” de vida na cidade.

Essa juventude vem migrando, devido ao desinteresse pela vida rural e pelas lutas que nela existe, tornando assim uma descontinuidade da vida no campo e da produção familiar (CASTRO, 2012, p. 439)

O campo a cada geração está ficando velho e os jovens do campo cada vez mais estão fascinados pela vida corrida e consumista das cidades. A mídia com seus programas atrativos que mostra cada vez mais a inusitada vida urbana e as relações sociais nela existente

A própria imagem de um jovem desinteressado pelo campo contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais. Mais recentemente, no final da década de 1990 e início do século XXI, a “juventude rural”, os “jovens camponeses”, os “jovens agricultores familiares” ganharam impulso como temas privilegiados em diversas pesquisas. Os jovens são fortemente associados à “migração”, mas, nesse caso, menos como estratégia familiar, e mais como um “problema” de desinteresse pela “vida rural”, gerando uma descontinuidade da “vida no campo” e da produção familiar (CASTRO, 2012, p.439)

Como pode ser visto nessa discussão, tanto a juventude do campo, quanto a urbana tem desejos, expectativas, ou seja, é uma juventude que merece atenção por parte da família, da sociedade e das políticas públicas, isto porque “[...] ficar ou sair’ do campo, como afirma Castro (2012, p. 442), é mais complexo do que a leitura da atração pela cidade [...]”.

Portanto, a saída dos jovens da zona rural para áreas urbanas vem se tornando um problema para o campo, as cidades não tem nenhuma política que atenda esses jovens que na maioria, são meninas que saem para buscar

alternativas de trabalho, pois os homens tem maior chance de conseguir trabalho no meio rural. No entanto os homens também estão migrando para as cidades, em busca de trabalhos mais leves já que a jornada de trabalho no campo é bastante pesada e eles não têm nenhum tipo de direito trabalhista, pois trabalham em forma de diárias e é inerente essa realidade como os jovens podem enfrentar essa condição se não estão conseguindo produzir em seu território, se não houver políticas públicas que ofereça ao jovem do campo, uma qualidade de vida como esporte, lazer, uma escola voltada para o campo. Assim o campo não se tornaria um lugar somente para os mais velhos, embora esse tipo de colocação seja muito triste, mas uma realidade presente no campo, onde a maioria dos assentados permanece só o casal, e os filhos aparecem algumas vezes no ano para passeio a muitos expressam seu desejo de voltar, mas preferem ficar à margem da sociedade do que encarar a dura lida que o campo oferece.

### **3.1 ASSENTAMENTO VALE DA ESPERANÇA**

O Assentamento Vale da Esperança fica a 76 km do município de Formosa-GO, teve seu início em 15 de julho de 1996. Ele é resultado de lutas e conquistas dos movimentos sociais Movimento Sem Terra (MST), Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Formosa (STRF), ligados a Federação dos trabalhadores na Agricultura do Distrito federal e Entorno (FETADF) e Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). No ano de 1996 esses movimentos tinham uma representatividade muito forte no local. Momento em que todos lutavam pelos mesmos ideais, participava de todas as reuniões e buscavam resolver da melhor forma as problemáticas do momento; que eram os créditos de apoio FOMENTO; primeiro auxílio que todo acampado recebe para obtenção de ferramentas e alimentação, escola para às crianças, Água para todos e as demandas que fossem surgissem.

No ano de 1997 começaram as lutas por educação, no segundo semestre deste mesmo ano foram criadas no Acampamento Vale da Esperança turmas de 1ª a 4ª série em uma antiga casa que possuía duas salas de aula e uma cantina, possibilitando assim, atender as

crianças, filhos dos moradores, sendo uma extensão da escola existente na fazenda vizinha; Água Doce.... Devido às dificuldades de acesso a escola naquele período também funcionou provisoriamente durante alguns anos, salas, na sede da fazenda distante oito quilômetros das que tinham no acampamento e a dez quilômetros da Escola Municipal Fazenda Água Doce que era situada na fazenda vizinha (PPP, 2013 p.1.1).

Quando perceberam que nenhuma das reivindicações para construção de uma escola era atendida, resolveram fazer um protesto; reuniram os pais, crianças e os possíveis educadores e acamparam em frente à prefeitura. Fizeram da praça uma grande sala de aula para as crianças do até então, acampamento. Isso em meados de setembro de 1999 (PPP, 2013).

Em 1998 foram distribuídas as parcelas que são pequenas partes de terras, para 174 famílias que ficaram debaixo de lonas durante dois anos, tempo pouco, em relação a outros acampamentos que ficaram cinco, dez anos até receber suas parcelas. Adultos, jovens e crianças participavam da luta por dias melhores. Hoje quero entender o porquê, dos jovens em sua maioria não buscarem se qualificar e permanecer no campo.

Meu primeiro contato com a comunidade foi através da minha mãe que deixou a vida corrida da cidade em busca de um pedaço de terra, que era seu sonho. Esse contato fortaleceu quando conheci o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) no ano 2000, fui uma das candidatas a ser educadora no Programa para Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Durante esses anos, tenho observado que muitos jovens, filhos de assentados, não permanecem no campo quando terminam de cursar o ensino médio e/ou até mesmo antes, saem da zona rural. Os jovens reclamam da qualidade do ensino, da falta de atividades como: trabalho e lazer na comunidade, optando, por essas e outras razões, irem para a cidade em busca de alguma oportunidade.

Sem nenhum preparo para o mercado de trabalho, os jovens acabam encarando essa realidade, deixando muitas vezes a dependência dos pais que não conseguem cobrir as despesas da família e dar aquilo que o jovem filho



quer e precisa. O resultado disso é que a cada dia que passa o campo fica mais velho. As famílias tendem a dispor de suas terras para acompanhar e estarem perto de seus filhos. Ou, então, os filhos vão morar com parentes na cidade.

A maioria dos assentados vive da aposentadoria, de renda cidadã ou bolsa família, o que fazem ou criam não chegam a ser suficientes, por falta de assistência técnica, falta de recursos e até mão de obra que cada dia fica mais difícil. Os mais idosos, neste contexto, não querem mais desenvolver atividades de cunho braçal, não têm mais o mesmo vigor de antes e os jovens não querem se envolver-se com serviços braçais. Alguns ainda encaram a dureza das lavouras, roçados e outros trabalhos, aumentando mais o desejo de ir embora do campo. Sabendo eles que sem preparo profissional irão encontrar somente serviços braçais que exigirão deles o mesmo esforço ou mais em ajudantes na construção civil ou em supermercados carregando e descarregando pesadas cargas.

### **3.2. Sujeitos da pesquisa**

Os sujeitos da pesquisa foram 25 jovens, dez deles responderam o questionário, esses com faixa etária entre quinze (15) e vinte dois (22) anos, sendo nove do sexo masculino e um do sexo feminino. As entrevistas foram realizadas com 15, suas idades variavam entre dezessete (17) a vinte e nove (29) anos. Cinco que já concluíram, cinco que desistiram dos estudos e cinco os que estão cursando o ensino médio.

Segundo os jovens pesquisados estes vieram morar no Assentamento Vale da Esperança, acompanhados dos pais, pois ainda eram crianças. E enquanto os pais reivindicavam, lutavam por terras e logo depois, por melhorias no assentamento, abrir novas estradas, melhorar as já existentes, energia para todos, escola e em meio a debates e inúmeras reivindicações eles cresciam presenciando e aprendendo que lutando é que eles conseguiriam alcançar seus objetivos.

O assentamento é composto de 174 parcelas, e de 173 famílias porque uma parcela juntou formando uma só para compensar a outra por causa de muito pedregulho, informação passada pelo presidente da Associação ASSESVE Associação dos Empreendedores Solidários do Vale da Esperança. Segundo ele não tem o número de jovens registrados em nenhum documento, então foi feito um levantamento do número de jovens entre 15 e 29 anos

### **3.3. Instrumento utilizado na pesquisa**

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram o questionário, constituído de seis (6) questões, dez dos vinte distribuídos foram respondidos por jovens entre 15 e 22 anos, cursando as séries finais do ensino fundamental e quatro do ensino médio, como pode ser visualizado no apêndice A e a entrevista realizada com 15 jovens: 5 cursando o ensino médio, 5 que concluíram e 5 desistentes. Realizado também um levantamento da quantidade de jovens entre 15 e 29 anos na comunidade, obtivemos o resultado de noventa e dois (92) jovens, entre os moradores que somam 173 famílias.

Por ocasião da entrega dos questionários, realizamos uma conversa informal com o grupo participante da pesquisa, a fim de entender melhor algumas de suas respostas e seu posicionamento a respeito da situação vivida por eles, ou seja, as perspectivas para viver no campo ou sair e morar na cidade. O questionário foi analisado e interpretado seguindo à luz do referencial teórico proposto. A entrevista foi realizada no Colégio com os jovens que estão frequentando as aulas e os demais foram entrevistados em suas casas ou outros locais onde os encontrava. Foi realizada uma conversa informal com alunos e ex- alunos com o intuito de esclarecer a finalidade da pesquisa e a importância da sua participação. O critério de escolha foi jovem da comunidade Vale da Esperança, que ainda estudam os que concluíram o Ensino Médio e os que desistiram por motivos pessoais. O motivo da escolha destes jovens, é que os encontros na comunidade com mais frequência.

O questionário foi formado pela identificação do pesquisado e por seis questões, sendo a primeira objetiva, com três itens, totalizando 06 questões abertas e fechadas de caráter investigativo. Foram entregues no dia 07 de

maio e recolhidos no dia 18 do referido do mês. E a entrevista se deu no primeiro semestre de 2013, para complemento dos dados coletados com questionário.

### **3.4 Análise e interpretação dos dados**

A análise tem como objetivo, descrever o perfil da formação dos jovens na comunidade do Vale da Esperança.

- Identificar a percepção dos jovens sobre a escola e sua comunidade;
- Propor ações que possibilitem o enfrentamento da tendência ao abandono e expulsão dos jovens do campo. Fator de suma importância para o seu desenvolvimento e sucesso na vida adulta.

A princípio trata-se da identificação, idade, sexo e nível de escolaridade dos jovens que contribuíram para a realização do trabalho de campo.

A faixa etária dos jovens situa-se entre os 17 e 29 anos, sendo um com 17 anos; dois com 18, dois com 19, um com 20, um com 21, dois com 22; dois com 23; um com 24; um com 27, um com 28 e um com 29 anos (segue tabela). Observa-se que as idades são variáveis, não havendo predominância de uma faixa etária.

Todos os jovens responderam que vieram com a família, pelo fato de serem crianças à época da ocupação. A busca pela sobrevivência no campo foi o motivo maior que incentivou grupos familiares a se unirem para que o sonho da terra própria se tornasse realidade, assim se engajaram “nos movimentos pela democratização da terra, como são igualmente válidas as reivindicações de trabalhadores oriundos do meio urbano [...]” (LEITE, 2012, p. 108). Essa articulação vai fortalecer a busca por um projeto de desenvolvimento que possa promover a dignidade das famílias que vivem no campo.

Para esta questão sete pais tem a primeira fase do ensino fundamental, dois tem o ensino fundamental completo e um tem o curso superior. A maioria dos entrevistados relatou que os pais não concluíram seus estudos devido as

dificuldades encontradas na época em que eles estavam na idade escolar, trabalhavam para ajudar no sustento da família ou passava mais necessidades.

O censo agropecuário de 2006 traz o dado de que, em nosso país, 30% dos trabalhadores rurais são analfabetos, e 80% não chegaram a concluir o ensino fundamental. (PEREIRA, p. 292)

Muitos jovens do assentamento vão para a cidade em busca de melhores condições de vida, apoiados pelos pais que acreditam que as condições oferecidas na cidade tornarão sua vida melhor do que no campo, e não querem que seus filhos passem pelas mesmas dificuldades que eles passaram durante suas vidas.

Aqui dificilmente terão acesso a alguns benefícios que o governo disponibiliza como exemplo o direito ao PRONAF jovem, que no papel parece tão simples, mas não tem nenhum registro que algum jovem do Vale da Esperança tenha conseguido acessar este recurso para se manter no campo exercendo algum projeto. E não conseguindo se manter, é mais um dos fortes motivos pelo qual se associa à juventude rural” é a “migração”- no sentido de fluxo de populações para centros urbanos”(CASTRO, p.439)

Quando foi indagado; você gosta de morar no Vale da Esperança, sete pessoas disseram que sim e cada um expressou seu motivo. Eles divergiram muito, eis algumas respostas: aqui é tranquilo e bom, conseguimos diversas experiências em relação ao campo; porque aqui cresci aprendi a andar a cavalo; para me livrar das drogas e tráfico; acostumei com a vida rural; Gosto de morar aqui, mas por falta de oportunidades vou embora; Gosto de morar na roça, mesmo sem os incentivos vou continuar; já fui embora e voltei. Dois disseram que não, um não soube exatamente o porquê e o outro pelo fato de não ter diversão. O último mostrou-se indeciso, respondendo: só um pouco.

Muitos são os motivos dos jovens gostarem do campo, mas não estão sendo suficientes para que os façam permanecer.

Dentre os pesquisados três disseram que sim, gostaram de estudar no Colégio Estadual Vale da Esperança; um deles ainda complementou que era o seu ponto de encontro, o que se pode observar que ele tinha o colégio como

lazer. Um relatou que há falta de estrutura; outro acredita que o ensino não é adequado; dois, foram bem categóricos em dizer que não gostam; um outro aluno ficou indeciso, falou que mais ou menos; um comentou que gostou de estudar, porém parou, mas que pretende voltar, outro relatou “nunca gostei de escola e nem de estudar”.

O que se pode notar que há um conjunto de motivos para que cada um goste ou não da escola. Mesmo sabendo-se que as pessoas têm suas preferências, conforme suas necessidades e expectativa, esses jovens se posicionaram em relação à escola, sua estrutura e seu ensino. E se o ensino é sempre mostrando as belezas e facilidades da vida urbana é certo que a saída do campo será sempre o alvo desses jovens.

Tanto a escola como os pais acreditam que uma escola técnica, escola agrícola é a solução para permanência dos jovens, filhos, no campo. Mas como pude observar acompanhando os jovens no curso de formação agroecológica e cidadã oferecida pelo SNJ, é que a teoria os encanta, mas não os convence na prática, por que na realidade eles não querem serviços braçais. Vemos na comunidade muitos jovens que tiveram formações para técnicos agrícolas e não permaneceram na comunidade, indo buscar empresas para prestarem seus serviços.

A partir do momento em que esses jovens camponeses não encontram na escola incentivo para permanecer no campo, também não percebem que o campo é o melhor lugar para se viver, pois quando se mudam para a cidade, certamente vão para as periferias, sem qualificação e conseqüentemente sem emprego.

Educação Rural que Marlene Ribeiro (2012) descreve. É que, quando existe escola nas suas comunidades, é oferecida somente uma mesma educação unificada das escolas urbanas, não existe nenhuma tentativa de adequar a escola aos interesses dos sujeitos do campo “A escola procurou formar grupos sociais semelhantes aos que vivem nas cidades, distanciados de valores culturais próprios” (RIBEIRO, 2012, p.293).

Os cinco dos jovens disseram que não pretendem continuar no campo, querem sair em busca de outros espaços, outras oportunidades que o campo não oferece; trabalho, lazer e há falta de perspectiva, um deles classificou seu motivo como; “não tem futuro no campo”. Três disseram que querem continuar, um disse estar em dúvida, mas a tendência é ir embora. Um respondeu que sim, quer permanecer no campo, mas terá que buscar trabalho fora.

As respostas levam a considerar que permanecer no campo é uma questão de oportunidade, isto é, de condições para uma vida com mais dignidade.

Como relatado pelos estudantes, no campo a falta do emprego e do lazer faz com que os jovens busquem outras oportunidades. Contudo, “ficar” ou “sair” do meio rural envolve múltiplas questões em que a categoria jovem é construída e seus significados, disputados. A própria imagem de um jovem desinteressado pelo campo contribui para a invisibilidade da categoria como formadora de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais.

“Os jovens estão indo embora! Essa expressão sintetiza uma imagem do jovem do campo no Brasil” (CASTRO, p. 439).

Os jovens do campo precisam estar ligados a movimentos sociais, a associações, ou ao sindicato dos trabalhadores rurais para ter acesso a cursos que os qualifiquem para muitas outras atividades que não seja apenas a agricultura e não tenham apenas a enxada como ferramenta de trabalho, para que ligados a esses grupos possam ter acesso a outros cursos de formação que possam contribuir para sua permanência no campo, pois a maioria dos jovens responderam que não conseguem retirar da terra o necessário para sobreviver; os demais responderam um pouco e às vezes. Conhecendo a realidade vivida por esses jovens e em conversas informais com os mesmos, não foi difícil constatar o que responderam, pois a terra ainda não é o principal meio do seu sustento, por questões de infraestrutura, adequado para uma melhor produção, como recursos para o plantio e outras produções.

## **2. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O campo é visto como um espaço de precariedade por descasos, especialmente pela ausência de políticas públicas para as populações que ali vivem. A ausência de estradas apropriadas para escoamento da produção; falta de atendimento adequado à saúde; falta de assistência técnica, por esses e outros motivos que a juventude vai à busca de melhores oportunidades nas cidades.

Deparamo-nos com uma infância, adolescência e juventude, desorientada frente aos desafios e incertezas da contemporaneidade, pelo pensamento provocado pelas experiências vivenciadas pelos que residem em espaços urbanos. As famílias têm procurado resistir na terra. Mas, a falta de condições dignas, necessárias à sobrevivência tem dificultado a escolha entre permanecer ou não no campo.

É necessária uma mudança de postura frente aos desafios que se encontram em toda e qualquer comunidade, principalmente aquelas mais afastadas do meio urbano. O progresso as tecnologias chegam de forma rápida em comunidades mais longínquas, o importante é estarmos preparados a essas inovações, sabendo utilizá-las em qualquer momento e lugar.

É preciso atitudes que nos movam e nos levem a busca de transformação. A sociedade, principalmente a mais jovem clama por auxílio, nas tomadas de decisões, estão querendo um caminho a seguir. Espero que este trabalho possa contribuir.

Percebendo algo a mais ou confirmando o que motiva os jovens a saírem de sua comunidade, pode-se pensar em estratégias para mudar essa situação. Uma delas é que se pense em projetos voltados para essa juventude, como por exemplo, a participação nas associações existentes, já que não existem projetos dessas associações voltados para a juventude do local.

Os jovens do Vale da Esperança estão sendo incluídos em todas as atividades da escola para poder despertar o interesse pelo o campo e sua permanência e ver que é pelas lutas e reivindicações que conseguirão os recursos para as melhorias necessárias que suprirão seus anseios. Com a pesquisa podemos perceber que, o que precisa de fato para os jovens permanecer no campo é incentivo tanto financeiro, como motivacionais, gostar do lugar não é suficiente para sua permanência, precisa buscar recursos que englobam a juventude e que os pais e responsáveis passem a acreditar que eles são capazes de realizar muito mais do que os idosos sabem ou podem fazer. Um dos trunfos que temos na comunidade é a LEdoC, por que quando incentivados a participar do vestibular eles acreditam em mais uma oportunidade em permanecer no campo e ao ingressarem na universidade percebem que precisam permanecer e lutar por melhorias na educação e para comunidade num todo.



### **3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo. In: CALDART, R. S. et. al (Orgs). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012, p. 257-265.

CASTRO, Elisa G. Juventude do Campo. In CALDART, R. S. et al (Orgs). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 437-444.

CNEC (II). II Conferência Nacional Por Uma Educação do Campo. Declaração final. Por Uma Política Pública de Educação do Campo. Luziânia, GO, 2 a 6 de agosto de 2004. (Dig. 6 p.).

FREITAS, L. C. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática. Campinas, SP: Papirus, 1995.

PEREIRA, Isabel B. Educação Profissional. In: CALDART, R. S. et al (Orgs). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 288-293.

RIBEIRO, Marlene. Educação Rural. In: CALDART, R. S. et. al. (Orgs). Dicionário da Educação do Campo. São Paulo: Expressão Popular, 2012. pp. 293-298.

GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS. Secretaria de Educação e cultura. Projeto Político Pedagógico. Colégio Vale da Esperança. Formosa-GO. 2012.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Faculdade de Planaltina. Licenciatura em Educação do Campo: Projeto Político-Pedagógico do curso. Planaltina: UnB, 2009.

## APÊNDICE – A

### Questionário

#### 1. Identificação

1.1 Idade -----

1.2 sexo -----

1.3 Nível de escolaridade

☐ Fundamental incompleto

☐ Fundamental completo

☐ Médio

#### Questão 01

Por que você veio morar aqui no Vale da Esperança?

#### Questão 02

Qual é o nível de escolaridade de seus pais?

☐ alfabetizado ☐ fundamental incompleto ☐ fundamental completo

☐ médio ☐ superior ☐ outros

#### Questão 03

Você gosta de morar aqui no Vale da Esperança? Por quê?

#### Questão 04

Você gosta (ou) de estudar aqui no Colégio do Vale da Esperança?

☐ sim

☐ não

☐ mais ou menos

Por quê? \_\_\_\_\_

#### Questão 05

Você pretende continuar no campo?

☐ sim

☐ não

Por quê? \_\_\_\_\_

#### Questão 06

Você consegue retirar da terra o necessário para subsidiar suas necessidades?

☐ sim

☐ não

☐ às vezes

Por quê?

## ENTREVISTA

Entrevista realizada com quinze jovens da comunidade, o que representa 16% da população jovem do local.

Dos jovens entrevistados aproximadamente 41% permanecem na comunidade, porque estão participando de um curso para implantação do projeto que será oferecido pelo SNJ (secretaria nacional da Juventude) com várias parcerias como, UNB e IFB Instituto Federal de Brasília dentre outros, que tem como objetivo promover ações que articulem e integrem trocas de experiências, acesso as tecnologias sociais, na perspectiva de estimular as práticas agrícolas de geração de renda, para fortalecer as condições necessárias para permanência dos jovens no campo. Esse projeto na comunidade poderá mudar o dia a dia da juventude do assentamento. Assim não precisarão buscar fora a renda que para eles é tão difícil de obter.

Alguns jovens irão embora caso não melhore, visto que os projetos com fácil acesso são direcionados aos pais, titulares das parcelas. De acordo com esses a solução seria a implantação de uma escola técnica. Relatam ainda que não gostam da cidade, porém precisam de trabalho, aperfeiçoamento pratico e acadêmico e no campo não encontram oportunidades que os ajudem a crescer, além da falta de entretenimento.

Aproximadamente 34% permanecem no campo devido os pais, o campo só será útil quando estiverem idosos, para descanso. Pelo fato da ausência de projeto que possa mantê-los relatam que as chances de realizar suas metas são difíceis porque as lideranças não acreditam e não ajudam os jovens a crescer, só vão atrás de melhorias para os idosos. A única oportunidade de trabalho é na escola ou na agricultura e essas alternativas não são atrativas.

Dos entrevistados, parte deles nasceu e estudou no assentamento, apesar do conhecimento popular e da boa convivência no ambiente não pretendem continuar por vislumbrarem outros horizontes como ingressar o exército brasileiro, seguir carreira e buscar novas oportunidades. Não apresentam nenhum interesse em permanecer morando ou voltar a morar.

Outros permanecerão até concluírem o ensino médio, que segundo ele as oportunidades são mínimas e não ajudam a proporcionar o padrão de vida que almejam. Teve também quem se aventurasse um tempo em Formosa para trabalhar, mas por algumas dificuldades, decidiram retornar. Mas logo que concluir o curso de pedagogia não conseguindo nada aqui, irá tentar a sorte novamente na cidade.

Outros 25 % que nasceram e cresceram no Vale da Esperança, aprenderam a gostar do lugar e das pessoas, conhecem a população do local e por isso não querem evadir para a cidade. “É muito difícil aqui conseguir o que queremos, mas a gente consegue. Estou organizando para que tudo dê certo porque quero continuar aqui. Quero fazer uma plantação de abóboras para melhorar um pouco mais” diz um dos entrevistados.

Diante das respostas obtidas observamos que a maioria dos jovens gosta do lugar, mas não fazem planos para continuar. Há quem goste do lugar e planeje continuar mesmo com projetos à longo prazo e aqueles que ficam por ainda dependerem dos pais e não terem concluído o ensino médio. Isso mostra que a colocação de Castro está cada dia mais forte no campo, na vida dos jovens do Vale da Esperança. “Essa juventude vem migrando, devido o desinteresse pela vida rural e pelas lutas que nela existe, tornando assim uma descontinuidade da vida no campo e da produção” (p.439).

Como narrado acima, ó ara sintetizar, podemos observar que: 25% dos jovens pretendem continuar no campo, 34% não irão continuar na zona rural e 41% buscam por melhoria no assentamento para que possam continuar residindo no Vale da Esperança.

